

Tomás Steifer

*Comentário Heráldico ao Projeto do Brasão
da Congregação dos Padres Marianos
da Imaculada Conceição da S. V. M.*



GDAŃSK – STOCKBRIDGE 2009
NO ANO DO 100º ANIVERSÁRIO DA RENOVAÇÃO E REFORMA
DA CONGREGAÇÃO DOS PADRES MARIANOS

*Comentário Heráldico ao Projeto do Brasão
da Congregação dos Padres Marianos
da Imaculada Conceição da S. V. M.*

© texto – Tomasz Steifer, Gdańsk, 2009
© ilustrações – Congregação dos Padres Marianos, 2009

Tradução:

Mariano Kawka (Curitiba, 2009)

Composição e montagem:

Marina Batiuk

Com licença:

Pe. Jan M. Rokosz, MIC

Superior Geral

Congregação dos Padres Marianos

graças a esforço do
Promotor Geral da Associação de Auxiliares Marianos,
Stockbridge, Massachusetts, USA.

Edição: 100 cópias

Introdução

Desde o início da existência da Congregação dos Padres Marianos, o seu fundador e primeiro superior geral, o Beato Estanislau Papczyński, percebia a necessidade de possuir carimbos, o que era indispensável com o objetivo de assegurar a validade dos documentos apresentados às autoridades eclesiásticas e civis para a aprovação do Instituto e das suas regras, bem como para a nova fundação.

Na biografia do Padre Fundador, escrita na primeira metade do século XVIII pelo venerável Servo de Deus Padre Casimiro Wyszyński (cf. *Stróż Duchowego Dziedzictwa Marianów [Guardião da Herança Espiritual dos Marianos]*, Varsóvia-Stockbridge, 2004, p. 134, nr 109), são fornecidos os seguintes detalhes relacionados com a gênese do primeiro carimbo da Congregação e das mudanças nele realizadas. Vou citá-los em toda a extensão, principalmente diante do fato de que não se preservou até os nossos tempos nenhuma imagem desse carimbo do emblema mariano:

Parece que o Venerável Servo de Deus Padre Estanislau de Jesus e Maria previu tudo isso [as perseguições], tendo fundado nesse lugar a Congregação e os seus primeiros fundamentos. Esse lugar foi denominado Arca de Noé, como que significando a proteção contra o dilúvio das infernais perseguições. E, embora a Congregação tivesse sido fundada sob o título da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, [o Fundador] quis primeiramente garantir a sua ordem com o carimbo de uma pomba segurando um ramo verde, expressando [dessa forma] a esperança de superar os perigos. Como outrora na arca de Noé salvaram-se apenas oito pessoas, assim também os oito religiosos que permaneceram nessa congregação salvaram a Congregação do naufrágio. Graças à proteção e à benevolência do Supremo Pastor Inocêncio XIII, que novamente aprovou esse Instituto, cessou toda a torrente das perseguições. O carimbo da pomba foi transformado num carimbo com a efígie da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, e nessa forma é utilizado atualmente.

Dos antigos documentos sabemos que no ano de 1731 existiam dois carimbos da ordem: um pequeno e um grande (ambos de formato oval, com as dimensões de 28x25 mm e 35x30mm [cf. J.Bukowicz MIC, *Wprowadzenie [Introdução]*, em: *Album zmarłych ojców i braci Zgromadzenia Księży Marianów [Álbum dos Falecidos Padres e Irmãos da Congregação dos Padres Marianos]*, Varsóvia 1990, p.1]). Todas as cartas dos superiores gerais continham, além das suas assinaturas, também o carimbo da ordem. Além disso, recomendava-se que cada convento providenciasse o seu próprio carimbo com uma inscrição mencionando o nome do convento e a invocação da igreja (cf. S.M. Sydry MIC, *Organizacja Zgromadzenia Księży Marianów w XVIII wieku [Organização da Congregação dos Padres Marianos no século XVIII]*, Stockbridge 2002 p.109)

Por isso, como resulta do que acima foi dito, logo após o seu surgimento a Congregação dos Padres Marianos adotou como seu sinal a figura da Santíssima Virgem Maria Imaculada. Desde que a direção da ordem foi assumida pelo Pe. André de S. Mateus Deszpot, em 1722, e desde a aprovação dos estatutos marianos por Inocêncio XIII em 1723, até hoje esse é o emblema da ordem.

No final dos anos 80 do século passado, o emblema religioso dos marianos foi localizado num escudo em forma de brasão, completado com uma faixa com a sua divisa, pelo que assumiu os traços de um verdadeiro brasão. Torna-se difícil afirmar se em anos anteriores, especialmente logo após ter sido adotado, o emblema mariano funcionou como um verdadeiro brasão, isto é, um emblema localizado num escudo. Não se preservaram a respeito dessa matéria documentos iconográficos nem uma descrição heráldica precisa. Por analogia com os brasões de outras ordens religiosas, pode-se aceitar com muita probabilidade que os criadores do emblema viam-no intuitivamente, de acordo com a tradição e a forma de pensar da sua época, como localizado no campo de um escudo heráldico. Alguns carimbos barrocos da ordem podem até ser tratados como cártulas heráldicas ovais, tão populares nos tempos do barroco.

A heráldica utiliza-se de uma linguagem muito precisa, modelada desde a Idade Média, denominada *brasonamento*. Com a ajuda do *brasonamento* pode-se descrever com precisão qualquer brasão e reproduzi-lo com exatidão apenas com base numa correta descrição. De acordo com as regras da heráldica, os elementos do brasão que não foram descritos com precisão são elementos imutáveis, idênticos em todos os casos, e por isso não descritos, ou podem ser moldados à vontade, de acordo com o estilo e a fantasia do autor. Não se preservou uma descrição antiga, nem existe uma descrição moderna heraldicamente precisa do brasão mariano. A maioria das descrições limita-se a mencionar como emblema a efígie da Santíssima Virgem Maria Imaculada, sem informar os detalhes (cf. *Diretório da Congregação dos Padres Marianos*, Varsóvia, 1991, art. 194). Constitui uma exceção a esse respeito a descrição contida na Declaração nº 1 do Capítulo Geral dos Padres Marianos de 1999, intitulada *O símbolo gráfico mariano*, que menciona a figura da Imaculada localizada num escudo, com a inscrição nele presente *Pro Christo et Ecclesia*. Isso até certo ponto deixa a mão livre ao heraldista. O brasão da ordem até agora utilizado é plasticamente correto, estético e em princípio correspondente à descrição. No entanto, o fato de terem sido deixadas de lado, no seu projeto, as normas da heráldica e a abstração da história da ordem transformam-se às vezes em motivo de fundamentada crítica.

A fim de evitar no novo projeto um excessivo subjetivismo criativo, fantasia e erros, não pude basear-me apenas na descrição, mas analisei detalhadamente a iconografia do emblema mariano hoje disponível. A análise de certos carimbos e pinturas, bem como o recurso à história da ordem, com a adoção das estritas normas da heráldica, contribuíram para o surgimento deste projeto.

História do emblema da Congregação dos Padres Marianos

Todas as efígies preservadas do emblema mariano apresentam a figura da Santíssima Virgem Maria em pé, sem o Menino, trajan-

do vestido e capa. As efígies mais antigas apresentam a figura de Maria num insignificante mas expressivo movimento, enfatizado pela barroca dispersão das vestes. As efígies posteriores encaminham-se para o lado do imobilismo. A maioria das imagens apresenta a cabeça de Maria coberta por uma mantilha e cercada de estrelas. Apenas alguns poucos carimbos do início do século XX deixam fora as estrelas. O número das estrelas, diversificado, especialmente nos carimbos, nas imagens e nos medalhões mais antigos, era de 8, 9, 10, 11 ou mais freqüentemente ainda 12. O número de 10 estrelas apareceu, sem dúvida, em alusão à *Regra das Dez Virtudes da SVM*, segundo a qual por 210 anos os marianos professavam os seus votos religiosos. Atualmente, o número aceito é 12, em alusão á descrição da *a Mulher* no Apocalipse. Na maioria das antigas imagens, Maria segura na mão direita (heraldicamente, isto é, do lado de quem segura o brasão) uma flor de lírio, com o pé direito descalço esmaga a serpente, encontra-se numa meia-lua e está cercada de raios. Em muitas imagens os raios em volta da figura são moldados interna ou externamente em forma de *mandorla*. Em alguns poucos casos a meia-lua em que se encontra a Madona est-localizada sobre o símbolo do globo terrestre.

A representação de Maria parada sobre a lua, cercada de raios e esmagando a cabeça da serpente alude ao Protoevangelho (cf. Gn 3:15) e ao Apocalipse de S. João Apóstolo (cf. Ap 12) – um simbolismo especialmente importante para os cristãos, que anuncia no início e no fim da Bíblia a vinda do Messias Redentor, a luta entre a serpente e *a Mulher* e a vitória final do Seu Descendente. Apresenta um simbolismo mariano adicional o nimbo formado de 12 estrelas, cujo número faz também alusão à visão apocalíptica de São João Apóstolo e Evangelista. Maria descritas na regra já anteriormente citada. A meia-lua mencionada no texto da visão de S. João muitas vezes se relaciona na iconografia com a efígie ou a meia-efígie da Imaculada. A partir do século XVII esse símbolo adquiriu uma interpretação adicional, como sinal da vitória do cristianismo sobre o islamismo. Na maioria das representações do emblema, o lírio que Maria segura na

mão é um símbolo mariano universal e tradicional, que expressa a inocência e a virgindade.

Não são conhecidas as cores do emblema dos Marianos dos séculos passados. As imagens relacionadas com a ordem, especialmente as pinturas a óleo, que apresentam a figura de Maria Imaculada de forma analógica à do emblema, adotam na grande maioria o colorido típico da moderna iconografia mariana – isto é, o branco e o azul das vestes. O brasão utilizado oficialmente desde 1999 possui também um colorido simbolicamente relacionado com Maria – predominam o azul e o branco (que na heráldica equivalem à prata).

O projeto do brasão dos Padres Marianos

O novo projeto do brasão, correspondente à descrição geral contida na *Declaração* do Capítulo Geral da Congregação de 1999, surgiu em consequência de uma detelhada análise das antigas efígies e da adoção das regras da heráldica.

No emblema voltei à representação de Maria numa edição mais expressiva, dos primeiros tempos da ordem, baseando-me num dos mais antigos carimbos marianos da metade do século XVIII, no medalhão do terço das 10 virtudes da SVM da primeira metade do século XIX e na bela medalha de 2004, baseada no mencionado carimbo, que os Marianos mandaram cunhar por ocasião dos 150 anos da proclamação do *Dogma da Imaculada Conceição da SVM*. O excessivo estatismo da imagem da Imaculada pareceu-me pouco adequado para uma cena tão dramática e tão importante para os cristãos – o esmagamento da cabeça da serpente. Além disso, esse tipo de estilização de Maria alude à época do surgimento da ordem, ou seja, ao período do barroco. A barroca “curvatura” da imagem da SVM deve sugerir também, em referência à visão de S. João, que Maria está grávida (cf. Ap 12:2).

Alude também ao barroco o formato do escudo do brasão, que constitui uma cártula barroca simplificada, visto que o estilo do

escudo gótico até agora utilizado tem enfrentado acusações de anacronismo.

Em estilo barroco, que também encontra o seu reflexo nas antigas imagens utilizadas pela ordem fora dos carimbos, foram apresentados os raios em volta da figura da Imaculada. A figura de Maria, que constitui o emblema básico do brasão, foi ampliada, o que aumenta a sua visibilidade em casos de significativa redução, bem como atende à boa tradição da estilização heráldica, que manda preencher o campo do escudo do brasão da forma possivelmente mais plena, no entanto sem dar a impressão de “amontoamento”.

Em razão da necessidade de aplicar ao emblema principal do brasão o princípio da *alternância heráldica*, que proíbe a localização de cor sobre cor e de metal sobre metal, ocorreu a necessidade de separar a figura de Maria, de cor predominantemente azul nas bordas das vestes, do fundo azul do escudo. O recurso adotado no brasão até agora utilizado de usar diversos matizes de azul constitui um erro heráldico. A heráldica não reconhece os matizes de cores, o azul é sempre descrito como azul, sem a definição adicional – claro ou escuro. Foi subordinado ao princípio da *alternância* a localização dos raios em volta de Maria, de forma que possivelmente todos os elementos coloridos se encontrassem no fundo do metal e vice-versa. Não foi possível fazer isso em todo conjunto, mas isso já não é um erro – pois o princípio da *alternância* diz respeito à cor principal do emblema, admitindo-se a sua quebra em pequenos detalhes, o que é conhecido em muitos brasões do período da *heráldica viva*. O formato dos raios em volta da figura de Maria alude no seu esboço geral ao formato da *mandorla*, que ocorre nas imagens mais antigas do emblema da ordem, e ao mesmo tempo, através de uma leve diferenciação do comprimento dos raios, às representações dos raios conhecidas na arte barroca, aos nimbos e às auréolas que aparecem em volta das figuras dos santos, bem como nos ostensórios barrocos.

De acordo com a tradição heráldica, a faixa com o lema da ordem foi ligada mais fortemente com o escudo e modelada num estilo que com ele combina.

O brasão até agora utilizado na congregação, como correspondente à descrição geral, pode continuar sendo usado até que seja introduzido o modelo novo, heraldicamente correto. No entanto é preciso mudar sem falta aqueles elementos que, pela sua inobservância das regras da heráldica, expõem o emblema à crítica. Sobre-tudo é necessário que se elimine a cor azul das vestes da Imaculada, de maneira que a efígie permaneça de acordo com o princípio da *alternância heráldica*. Seria oportuna a uniformização da cor da serpente, despojando-a do ornamento romboidal, pouco visível, e portando dispensável no tipo de sinal gráfico que é o brasão, deixando-a inteiramente em cor verde. A lua deve ser de forma clara e evidente da mesma cor (branca, prateada) que as estrelas, as vestes e a flor de lírio. No caso de utilização de cores matizadas, naturalmente podem aparecer nesses elementos tonalidades de cinza, no entanto, com a complementação plana de cores, a cor acinzentada da lua sugere a existência no brasão de uma cor adicional, basicamente não-heráldica. A cor do globo terrestre, bronzeada, raramente utilizada em heráldica, pode eventualmente permanecer, porque, como detalhe secundário, não precisa necessariamente obedecer à regra da *alternância*. No entanto poderia ser recomendável a sua mudança para ouro metálico.

Descrição do brasão

Em princípio, com raras exceções o brasonamento não envolve o formato do escudo. Trata-se de uma questão normalmente arbitrária e modificada de acordo com o estilo da época. Visto que era desejo da Congregação dos Padres Marianos a utilização de um estilo concreto, barroco, do escudo, isso também foi levado em conta na descrição.



Num campo azul a figura da Santíssima Virgem Maria, com a cabeça cercada pela auréola de dez estrelas de cinco pontas prateadas, com vestido da mesma cor e capa azul, segurando na mão direita de cor natural as hastes verdes de lírio com uma flor prateada e um botão da mesma cor, tendo a mão esquerda colocada no peito, parada sobre uma meia-lua de prata, voltada com o lado côncavo para baixo, com o pé direito esmagando uma serpente verde, enrolada em volta da meia-lua, cercada de raios de ouro em forma de retângulos alongados de diversos comprimentos, criando com o seu conjunto o formato de uma *mandorla*.

Escudo em estilo barroco, adornado de ouro nas bordas laterais. Embaixo uma faixa azul, recurvada em forma arredondada para baixo, com as extremidades enroladas e que atingem a altura de 1/3 do escudo, com a inscrição do lema “PRO CHRISTO ET ECCLESIA”, em letras versais romanas de cor branca.

Em heráldica a cor branca corresponde geralmente à prata, e unicamente em casos muito raros o branco é utilizado como uma cor especial e à parte. Na minha opinião, não será um erro heráldico se no projetado brasão, no caso de representações com a utilização de cores metálicas, apenas os raios, a lua, as estrelas e a borda do escudo forem representados em cor metálica, e se o vestido da Santíssima Virgem Maria, bem como a flor e o botão de lírio, permanecerem brancos.

Gdańsk, 27 de janeiro de 2009

Tomás Steifer PHT

diplomado
pela Faculdade de História da Universidade de Varsóvia e
pela Academia de Belas Artes de Varsóvia,
membro-fundador da Sociedade Heráldica Polonesa

PL 80-180 Gdańsk
ul. Jabłoniowa 43

